

Intervenção psicoeducativa junto aos acompanhantes da clínica médica de um hospital geral

Psycho-educational intervention for attendees of the medical clinic in a general hospital

LUÍSA LOPES PACHECO

Discente de Psicologia (UNIPAM)
E-mail: luisalopes@unipam.edu.br

ANA CAROLINA SILVA SOARES

Discente de Psicologia (UNIPAM)
E-mail: anacssoares@unipam.edu.br

GUSTAVO CÉSAR FERNANDES SANTANA

Psicólogo (Hospital Medcal Center - Uberlândia)
E-mail: gustavocfs@unipam.edu.br

AMANDA GUIMARÃES SANTOS

Psicóloga (Hospital Santa Casa de Misericórdia - Patos de Minas)
E-mail: psicologia@santacasapatosdeminas.org

THIAGO HENRIQUE FERREIRA VASCONCELLOS

Professor orientador (UNIPAM)
E-mail: thiagov@unipam.edu.br

Resumo: Com a consolidação do Hospital Santa Casa de Misericórdia (HSCM), com um 1 ano de fundação, seu serviço de Psicologia (SPHSCM) apresenta um número insuficiente de pessoal frente à demanda de diferentes setores. Este trabalho trata de um relato de experiência que decorreu da aplicação de um protocolo de intervenção psicoeducativa a um grupo de acompanhantes de pacientes internados na clínica médica do HSCM, no município de Patos de Minas, MG. Foram realizados cinco encontros semanais, com duração de 1 h aproximadamente, com os acompanhantes dos pacientes dos leitos pares e com os acompanhantes dos leitos ímpares. Participaram de cada encontro entre 15 e 20 acompanhantes, com idade variando entre 18 e mais de 60 anos. A proposta psicoeducativa foi abordada de forma ampla, atendendo as demandas que surgiam ao longo dos grupos. As temáticas incluíram o papel do acompanhante e as funções desempenhadas por ele, formas saudáveis de estabelecer limites entre o cuidado com o outro e consigo mesmo, maneiras de responsabilizar os outros envolvidos no cuidado do paciente, além de habilidades para vida e comunicação assertiva. Os participantes eram ou familiares ou profissionais contratados para atuarem como cuidadores. As mulheres que exercem o cuidado são a maioria. O grupo atuou como possibilidade de universalizar sentimentos e instilar esperança. Os desafios encontrados foram o espaço físico, a adesão e a falta de técnicas grupais no contexto hospitalar. Concluiu-se que a intervenção em grupo apresenta benefícios aos acompanhantes, uma vez que proporciona um espaço seguro de escuta e cuidado. Não há um consenso de recursos a serem empregados para esse público, exigindo-se o uso de diversas

técnicas grupais e ferramentas de psicoeducação e escuta, abrindo possibilidades para pesquisas e desenvolvimento da área.

Palavras-chave: psicologia da saúde; discussão em grupo; grupos de apoio; comportamento coletivo; serviços de saúde.

Abstract: With the consolidation of Santa Casa de Misericórdia Hospital (SCMH) within one year of its foundation, its Psychology Service (SPHSCM) faces a shortage of staff compared to the demand from various departments. This work reports on an experience resulting from the implementation of a psychoeducational intervention protocol for a group of attendants of patients admitted to the medical clinic of SCMh in the city of Patos de Minas, MG. Five weekly meetings were held, lasting approximately 1 hour each, with attendants of patients from even-numbered beds and attendants of patients from odd-numbered beds. Each meeting involved 15 to 20 attendants, ranging in age from 18 to over 60 years old. The psychoeducational approach was broad, addressing emerging demands throughout the groups. Topics included the role of the attendant and the functions they fulfill, healthy ways of establishing boundaries between caring for others and oneself, methods to involve others in patient care responsibility, as well as life skills and assertive communication. Participants were either family members or professionals hired to act as caregivers. Women constitute the majority of caregivers. The group served as a means to universalize feelings and instill hope. Challenges encountered included physical space, engagement, and lack of group techniques in the hospital context. It was concluded that group intervention provides benefits to attendants by offering a safe space for listening and care. There is no consensus on resources to be employed for this audience, necessitating the use of diverse group techniques and psychoeducational tools for listening, opening possibilities for research and development in the field.

Keywords: health psychology; group discussion; support groups; collective behavior; health services.

1 INTRODUÇÃO

A clínica médica tem como finalidade o tratamento de pacientes internados até que este possa ser realizado em domicílio. Esse setor tem funcionamento similar em diversos hospitais gerais e é atribuído a categorias profissionais de áreas como medicina, enfermagem, psicologia e serviço social. No hospital, os médicos são os responsáveis por prescreverem os procedimentos de diagnóstico e tratamento viáveis, determinando o trajeto que o paciente desenvolverá enquanto estiver no hospital (OSORIO, 2006).

O funcionamento descrito é similar ao existente no Hospital Santa Casa de Misericórdia (HSCM) em Patos de Minas, em que o processo de internação se inicia anteriormente à entrada de fato no ambiente hospitalar. Assim, os pacientes internados na enfermaria do HSCM chegam ao hospital via sistema SUS Fácil¹. São pré-cadastrados na origem, que envia os laudos dos pacientes. Posteriormente, os operadores responsáveis abrem todos os documentos enviados e selecionam quais pacientes serão encaminhados para clínica médica e quais serão encaminhados para UTI.

¹ É um software de regulação assistencial que permite a troca de informações entre as unidades administrativas e executoras dos serviços de saúde de Minas Gerais. Fonte: <https://www.saude.mg.gov.br/fornecimento-de-medicamentos/page/464-susfacil-sesmg>.

Os casos desses pacientes são apresentados aos médicos referências do hospital, que analisam os laudos e decidem se HSCM poderá ou não aceitar o paciente, baseando essa decisão em critérios que se referem ao tipo de patologia, às vagas disponíveis e à capacidade assistencial. Após a decisão tomada, é realizado o aceite no sistema, e a origem encaminha o paciente acompanhado de todos os documentos necessários. Ao chegar ao hospital, o paciente é recebido pelo médico internista, que faz uma anamnese do caso e inicia o tratamento, que abrange um viés multiprofissional dos setores disponíveis no hospital.

No que tange à estrutura, o HSCM dispõe de 30 leitos de enfermaria e recebe pacientes encaminhados da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Patos de Minas e cidades vizinhas, além de pacientes que recebem alta do Centro de Terapia Intensiva (CTI) e são transferidos para a enfermaria. As patologias presentes na enfermaria apresentam variabilidade. As que possuem maior frequência são doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), infarto, cardiopatias, insuficiência cardíaca, pneumonia e infecções mais altas do trato urinário. Nesse cenário, alguns dos pacientes internados têm direito a um acompanhante durante o período de estadia no hospital. Os critérios necessários incluem pacientes maiores de 60 anos e menores de 18, ou aqueles que apresentem problemas de saúde mental e/ou incapacidade funcional, mediante avaliação da equipe multiprofissional, como serviço social e/ou psicologia.

Ademais, são disponibilizados no hospital três médicos enfermaristas que passam diariamente no período da manhã visitando cada leito, realizando o exame físico e checando os demais exames realizados, além de ter um momento de comunicação com o paciente e seus acompanhantes para checagem de informações e boletim. Caso haja alguma demanda durante o dia, são disponibilizados os médicos internistas ou plantonistas, que se responsabilizam pelas intercorrências que surgem e internação de pacientes recém-admitidos. Geralmente, após a checagem dos pacientes, ocorre a corrida de leito com a equipe multidisciplinar, que inclui enfermeiros, técnicos de enfermagem, assistentes sociais, fisioterapeutas e psicólogos. Caso algum dos integrantes da equipe não possa estar presente, os casos são repassados individualmente a esses profissionais capacitados.

Dentro do hospital, o acompanhante desempenha um papel fundamental para o equilíbrio das necessidades do paciente. Para Prochnow *et al.* (2009), o acompanhante é qualquer pessoa que voluntariamente ou de forma remunerada auxilia o paciente, assegurando companhia, suporte emocional e cuidados em prol do paciente de acordo com a necessidade, contando com a supervisão e orientação da equipe de saúde.

Em meio a esse cenário, é de grande relevância dar ênfase às características psicológicas dos pacientes e de seus acompanhantes, visto que a própria experiência de internação hospitalar pode produzir efeitos deletérios para a saúde mental, como o desenvolvimento de sintomas de ansiedade e de depressão nos pacientes. Assim, a pessoa afetada pela fragilidade que emerge da doença, do mal-estar e das rupturas em seu cotidiano apresenta sentimentos de desamparo, confusão e ameaça em sua integridade (MOURA *et al.*, 2020; CFP, 2019).

O contexto hospitalar põe à prova os mecanismos adaptativos adequados, fazendo emergir uma demanda de sofrimento adicional, presente tanto no paciente como em seus familiares, o que justifica a presença do serviço de psicologia e sua ação

nesse ambiente. O modo como cada paciente e sua família reage depende de múltiplos fatores, que podem incluir a natureza e a gravidade da patologia, o prognóstico da doença, a história pessoal e as experiências anteriores de adoecimento e morte, entre outros (CFP, 2019).

Para além dos aspectos funcionais do manejo, o acompanhante tem uma enorme contribuição quando se trata dos aspectos psicológicos. Ao exercer a função de ser acompanhado, o paciente tem a percepção de que o tempo passa mais rápido, deixando a internação menos sofrida e estressante. Além disso, ao atuar como colaborador da equipe, o acompanhante se torna um meio de comunicação que faz com que o doente aceite melhor o tratamento e colabore para os cuidados, entendendo a necessidade destes para sua recuperação (ARCAS *et al.*, 2016; SZARESKI, 2009).

Apesar disso, uma das principais limitações dentro do contexto hospitalar é a relação entre equipe e acompanhantes, pois se torna desafiador para a equipe hospitalar atender as demandas apresentadas. Muitas vezes, a dificuldade de comunicação e de entendimento dos processos hospitalares se coloca diante dessa relação, em que as pessoas que executam a função do cuidador se sentem perdidas e desamparadas por não conseguirem entender corretamente seus direitos e deveres. Ademais, Sousa Filho *et al.* (2008) salienta que a equipe hospitalar espera que o acompanhante tenha um papel passivo diante da internação, de forma a apenas auxiliar quando necessário. O autor acrescenta que o ideal é que essas pessoas sejam integradas ao tratamento para ajudar no enfrentamento e aceitação dos procedimentos necessários.

Dada a importância do acompanhante no cuidado da pessoa hospitalizada, não se pode esquecer a necessidade de cuidar também de quem cuida. Chibante (2015) ressalta que estratégias de incentivo ao cuidador para manutenção da saúde e de autocuidado são fundamentais na prevenção do adoecimento frente às situações estressoras no ambiente hospitalar. Em uma pesquisa realizada por Silva *et al.* (2013), foi constatado que uma proposta de grupo em que seja favorecida a expressão de sentimentos, expectativas, necessidades e história de vida, aliada à reflexão e cuidado com a própria saúde, possibilita ao acompanhante uma saúde física e mental mais satisfatória. Sendo assim, ao cuidar do outro, vê-se também a necessidade de cuidar de si mesmo. Apenas dessa forma é possível se manter apto a dedicar esforços para a recuperação de alguém.

O Serviço de Psicologia (SPHSCM) do HSCM, que tem um 1 ano de fundação, apresenta, conforme apontam Souza *et al.* (2022), um número insuficiente de pessoal frente à demanda de diferentes setores, tornando-se necessário um olhar cuidadoso para os acompanhantes da enfermagem. Diante das solicitações crescentes e expressivas da equipe multidisciplinar por acolhimento, psicoeducação e instrução sobre normas e rotinas hospitalares, foi delineada uma atividade junto a este público. Assim sendo, o objetivo deste estudo foi relatar e descrever uma atividade grupal feita com os acompanhantes da clínica médica de um hospital geral.

2 METODOLOGIA

Este estudo trata de um relato de experiência que decorreu da aplicação de um protocolo de intervenção psicoeducativa em grupo para acompanhantes de pacientes

internados na clínica médica do HSCM². A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), sob número de parecer 5.970.836. Foram realizados 5 encontros semanais, com duração de 1h aproximadamente, com os acompanhantes dos pacientes dos leitos pares e dos leitos ímpares, em dias diferentes, conduzidos por 2 estagiárias de Psicologia mediante orientação de docente preceptor, entre os meses de agosto e dezembro de 2022. Essa realização de atividades em dias alternados ocorreu para que o acompanhante pudesse solicitar auxílio ao outro que se encontrava disponível no momento da atividade de grupo, de forma a preservar a vigilância e o cuidado ao seu ente, e pudesse participar ativamente do grupo.

As atividades foram realizadas em corredor de acesso à clínica médica do HSCM devido à proximidade física com pacientes; em caso de necessidade, os acompanhantes poderiam retornar novamente aos leitos. Com 30 minutos de antecedência, as estagiárias do SPHSCM abordavam os acompanhantes, entregando a eles um convite informativo com horário e local, de forma a convidá-los e explicar-lhes as atividades que seriam realizadas.

Cada encontro foi composto por dinâmicas de grupo realizadas por estagiários do SPHSCM, compostas por um vitalizador ou quebra gelo, com intuito de “aquecer” o comportamento dos participantes para a próxima etapa. A tarefa central (ou dinâmica central) foi constituída por uma questão disparadora. Posteriormente, foi propiciado um espaço para a discussão das atividades realizadas, com o intuito de oportunizar reflexão sobre os temas trabalhados e a realidade do acompanhante. Ao final de cada encontro, a equipe que compõe o SPHSCM se reunia para discutir a participação dos envolvidos e planejar as próximas atividades.

Participaram de cada encontro entre 15 e 20 acompanhantes, com idades variando entre 18 e mais de 60 anos. Esses participantes eram ou familiares ou profissionais contratados para atuarem como cuidadores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na realização dos grupos de intervenção, a média de participantes dos encontros foi de três a seis acompanhantes, em sua maioria mulheres adultas, na faixa etária de trinta a sessenta anos, que apresentavam parentesco próximo com os pacientes ou eram cuidadoras contratadas pelas famílias.

Os dados apresentados vão ao encontro de outras propostas de grupo, em que as atividades realizadas com acompanhantes de pacientes hospitalizados apresentam, em sua maioria, mulheres na fase adulta e poucos homens, remetendo a uma reflexão acerca do pensamento instituído historicamente do cuidador como tarefa feminina (ANICETO, LOUREIRO, 2020; KLEIN, GUEDES, 2006; DAHDAH *et al.*, 2013; SILVA, BALLARIN, OLIVEIRA, 2015).

² Esta produção foi financiada pela Coordenadoria de Extensão, vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa, Ensino e Extensão do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM) por meio do Edital 16/2022 - “Programa Santa Casa de Misericórdia: Monitor em Psicologia”.

No início das intervenções, foram observadas diferenças na temática e nos recursos dos grupos pares e ímpares. A título de exemplo, por parte dos participantes dos grupos pares, os encontros funcionavam como apoio instrumental/informativo, o que se deu devido ao fato de os membros serem em sua maioria cuidadores profissionais e tinham uma observação mais técnica da vivência hospitalar.

No decorrer do tempo, os grupos caminharam para uma afinidade de temáticas, o que pode ter ocorrido devido ao número expressivo de mulheres que ocupavam esse local de cuidado, como apresentado anteriormente. Há também uma semelhança de vivências entre as pessoas que se encontram nesse contexto, estando todas vivendo o adoecimento de alguém. Poder compartilhar e aprender novas formas para lidar com desafios semelhantes faz com que o grupo seja um lugar de troca e auxílio das dificuldades emocionais (SOUSA *et al.*, 2017).

O trabalho realizado teve como proposta central a psicoeducação, que se configura como uma alternativa de intervenção, que visa a aumentar o conhecimento de um indivíduo, favorecendo padrões de comportamento desejáveis e maior resolutividade, além de ajudar os participantes a identificar crenças associadas que geram ansiedade e sofrimento. Ademais, além da mera ação informativa, a psicoeducação possibilita também auxiliar o paciente na tarefa de compreender e dar sentido às próprias vivências e de instrumentalizá-lo para o manejo dos efeitos psicossociais das experiências vividas (GUIMARÃES, ARAÚJO, 2014; RAVAIOLI, BORGES, 2022).

A proposta psicoeducativa apresenta grande potencial ao ser empregada na modalidade grupal. Nesse cenário, Ravaioli e Borges (2022) afirmam que esse tipo de intervenção favorece o compartilhamento de saberes e experiências entre os membros do grupo, oportunizando o aprendizado conjunto. Além disso, as autoras complementam que o enfoque dos grupos psicoeducativos no contexto da saúde recai no processo de conscientização sobre os aspectos psicossociais que interferem na condição de saúde/doença, com a finalidade de promover novos conhecimentos e reflexões sobre os temas em pauta e estimular a revisão de mitos e preconceitos.

As intervenções em grupo realizadas no HSCM visavam a oferecer um cuidado proximal com acompanhantes, acolhendo suas inseguranças e queixas e possibilitando reflexões acerca dos sentimentos vivenciados. Cada encontro era planejado com dinâmicas, questões disparadoras e diálogos, objetivando esse resultado. A proposta psicoeducativa foi abordada de forma ampla, atendendo as demandas que surgiam ao longo dos grupos. As temáticas incluíram o papel do acompanhante e as funções desempenhadas por ele, formas saudáveis de estabelecer limites entre o cuidado com o outro e consigo mesmo, maneiras de responsabilizar os outros envolvidos no cuidado do paciente, além de habilidades para vida e comunicação assertiva.

Durante os encontros, algumas temáticas principais se tornaram foco recorrente na fala dos participantes, permitindo o desenvolvimento de intervenções voltadas para a validação dos sentimentos relatados e para a orientação educativa acerca de possíveis soluções. Foi perceptível que esses temas se repetem no contexto hospitalar, evidenciando semelhanças das experiências dos indivíduos que compõem a categoria de acompanhantes/cuidadores. Nesse cenário, é comum o aparecimento de queixas a respeito da falta de apoio familiar e suporte social. O reflexo se repercutiu em longos

períodos sem revezamento com outros familiares e na privação de desenvolver ações em prol de seu autocuidado, de compartilhar sentimentos de medo e de angústia em relação ao doente com os outros membros da família (DADAH *et al.*, 2013; SANTOS *et al.*, 2013).

Além disso, também foi recorrente afirmações acerca das dificuldades que englobam a ausência de suas casas, o que se torna mais difícil quando o acompanhante tem que deixar outros filhos em casa, pois a interrupção do convívio com eles agrava seu sofrimento. Outra temática relevante diz respeito às normas e rotinas da unidade hospitalar, que se tornam desafiadoras para os acompanhantes, que precisam aprender a enfrentar e aceitar os rituais de diagnóstico e tratamento. Ao interromper as atividades cotidianas e seguir regras divergentes ao ambiente de casa, isso pode se tornar desafiador e potencialmente estressante (SANTOS, 2013).

Algumas das estratégias terapêuticas utilizadas na realização dessa intervenção em grupo explicitam os resultados favoráveis decorrentes de seu uso. Entre elas, pode-se citar a universalidade, processo que acontece quando o acompanhante identifica que a situação vivenciada por ele é a mesma das outras pessoas. Por meio desse compartilhamento de experiências, os integrantes entendem que a situação ou sentimentos que vivem também são experimentados por outros, o que gera um sentimento de alívio e facilita a comunicação de sentimentos negativos como culpa ou inadequação no enfrentamento de situações problemas. Ademais, observa-se também a instilação de esperança, em que a homogeneidade das experiências relatadas no grupo alimenta as esperanças dos seus integrantes (AQUINO, SEI, 2020; DADAH *et al.*, 2013).

Outra forma de psicoeducação de relevância que apresenta semelhanças com outros trabalhos grupais realizados com acompanhantes no hospital é a possibilidade do oferecimento de informações. Esse tópico inclui todas as informações técnicas e orientações passadas pela coordenação do grupo, permitindo a clarificação e a solução de dificuldades relacionadas à organização da rotina hospitalar, além de situações conflitantes com a equipe (DADAH *et al.*, 2013, OLIVEIRA *et al.*, 2008).

Os principais desafios encontrados na prática de intervenção grupal no HSCM foram o espaço, em razão da importância de se ter um local que permita ao grupo se colocar de frente aos outros integrantes e que garanta a privacidade das falas, e a baixa adesão dos participantes. De acordo com Vinogradov e Yalom (1992), na realização de trabalhos terapêuticos com grupos, a dificuldade com a participação e a concentração nas atividades propostas está entre os desafios mais comuns. Isso está em consonância com a prática do HSCM. Por se tratar de uma atividade de grupo realizada nos corredores do hospital, muitas vezes as pessoas se distraíam e perdiam o aproveitamento das reflexões apresentadas.

Além da distração, a adesão ao grupo não foi satisfatória quando se observa o número de participantes convidados. Isso foi justificado pelos acompanhantes: eles não se sentiram à vontade para deixar seus acompanhados sozinhos e sem cuidado. Essa realidade foi apontada também por Dahdah *et al.* (2013), que observaram também essa resistência em deixar os pacientes e participar do grupo realizado pelos autores, afirmando ser justificada por medo de deixar o paciente sozinho, medo de o médico chegar e não conseguir as informações sobre o quadro clínico ou receio de que algo “ruim” acontecesse.

Não foram encontradas técnicas ou estratégias específicas para grupos em hospitais, o que, na prática, dificultou a seleção de atividades e temas para serem trabalhados, uma vez que, nesse contexto, as técnicas comuns não se aplicam. A rotina, a dinâmica e a demanda de cuidados exigem do terapeuta uma especificidade técnica para conseguir um maior aproveitamento do momento.

Assim sendo, este trabalho visou a contribuir com as vicissitudes da realização de um trabalho utilizando o modelo psicoeducativo para atendimento e acompanhamento de acompanhantes de pacientes em internação em uma clínica médica de um hospital geral. Não há pretensão de esgotar a discussão sobre esta temática, mas levar, através de um estudo descritivo por meio de relato de experiências, a possibilidade de discussão de diferentes realidades e modos de fazer para instrumentalizar a prática do profissional de psicologia hospitalar.

4 CONCLUSÃO

O trabalho grupal realizado teve valia, visto que a demanda dos acompanhantes dos pacientes era expressiva, sendo perceptível a necessidade de os participantes relatarem suas experiências no ambiente hospitalar. Apesar de a intervenção ter sido realizada com a presença de poucos recursos materiais e sem um espaço privativo de acolhimento, ainda assim foi possível desenvolver um momento de escuta significativo, abordando questões vividas em comum por uma ótica terapêutica e utilizando recursos que promoviam acolhimento e instilação de esperança.

Esse trabalho explicitou a relevância da atuação do psicólogo hospitalar e a importância de se ter um olhar cuidadoso sobre todos os integrantes que compõem o adoecimento, visto que a doença afeta todos ao redor. Assim, é necessário desenvolver aprimoramentos nas intervenções grupais para superar os desafios que se apresentam, como a dificuldade dos acompanhantes em deixar os pacientes em seus leitos para participar do grupo, fazendo com que muitos optassem por não participar em razão dessa preocupação, além da falta de um espaço privado e próprio para o grupo.

É importante destacar que as intervenções em grupo com acompanhantes é um trabalho que apresenta potencialidades advindas da ampla demanda desse público. Torna-se imprescindível que esse trabalho seja aprimorado e realizado em outros hospitais. Por fim, apesar de pesquisas realizadas em busca de métodos próprios para esse tipo de intervenção e de contexto, não foi encontrado um consenso, exigindo-se o uso de diversas técnicas grupais e ferramentas de psicoeducação e escuta. Cabe destacar também que esta produção apresenta limitações, como instrumento de rastreamento antes e após os encontros, coleta da percepção dos participantes envolvidos, abrindo espaço para outras possibilidades de pesquisas e desenvolvimento da área.

REFERÊNCIAS

ANICETO, S. C.; LOUREIRO, L. H. Internação hospitalar: o acompanhante como foco da pesquisa. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, p. e201985618, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5618>.

ARCAS, A. B. *et al.* Significados do papel do acompanhante em unidade hospitalar: visão da pessoa hospitalizada com condição crônica. **Revista Baiana de Enfermagem**, Alfenas, v. 30, n. 4, p. 01-08, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v30i4.16936>.

AQUINO, N. C. G.; SEI, M. B. Fatores terapêuticos em grupos abertos: um estudo qualitativo. **Vínculo**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-118, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.32467/issn.19982-1492v17n1p97-118>.

CHIBANTE, C. L. de P. *et al.* As reações do familiar acompanhante de idosos hospitalizados frente às situações de estresse. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 2961-2973, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i3.2961-2973>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) nos serviços hospitalares do SUS**. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-nos-servicos-hospitalares-do-sus/>.

DAHDAH, D. F. *et al.* Grupo de familiares acompanhantes de pacientes hospitalizados: estratégia de intervenção da Terapia Ocupacional em um hospital geral. **Caderno Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 399-404, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.041>.

GUIMARÃES, T. B.; ARAÚJO, T. C. C. F. de. Intervenção psicoeducativa com uso de jogos eletrônicos: um estudo com familiares de pacientes oncológicos. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 106-122, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582014000200007&lng=pt&nrm=iso.

HENRIQUES, R. da T. M.; CABANA, C. O acompanhante no processo de hospitalização. **Revista Hum@nae**, Recife, v. 7, n. 1, p. 01-11, 2013. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/69>.

KLEIN, M. M. de S.; GUEDES, C. R. Intervenção psicológica com grupo de acompanhantes da pediatria: relato de experiência. **Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 01-15, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092006000200004.

MOURA, F. F. de *et al.* Prevalência de sintomas de transtornos mentais comuns em pacientes internados em um Hospital Geral do Sul do Brasil. **Revista da SBPH**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 139-148, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000200013.

OLIVEIRA, L. M. de A. C. *et al.* Uso de fatores terapêuticos para avaliação de resultados em grupos de suporte. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 432-438, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002008000300008>.

OSORIO, C. Trabalho no hospital: ritmos frenéticos, rotinas entediadas. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 15-32, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v9i1p15-32>.

PROCHNOW, A. G.; SANTOS, J. L. G. dos; PRADEBON, V. M.; SCHIMITH, M. D. Acolhimento no âmbito hospitalar: perspectivas dos acompanhantes de pacientes hospitalizados. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 11-18, 2009. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/rngenf/article/view/5347>.

RAVAIOLI, M. de P. E.; BORGES, L. M. Práticas psicoeducativas: contribuições do psicólogo na atenção primária. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 14, n. 1, p. 185-199, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.v14i1.1182>.

SANTOS, L. F. *et al.* Reflexos da hospitalização da criança na vida do familiar acompanhante. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 4, p. 473-478, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000400002>.

SILVA, F. R. da; BALLARIN, M. L. G. S.; OLIVEIRA, J. C. Grupo de acompanhantes de crianças internadas em Unidade de Terapia Intensiva. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 23, n. 4, p. 871-877, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0596>.

SILVA, R. M. F. M. *et al.* Promoção do bem-estar ao acompanhante no ambiente hospitalar: intervenção de enfermagem grupal. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, Recife, v. 7, n. 5, p. 1390-1397, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v7i5a11624p1390-1397-2013>.

SOUSA, C. R. de; HILDEBRANDT, F. P.; NEUFELD, C. B. Grupos de TCC na saúde pública. In: NEUFELD, C. B.; RANGÉ, B. P. **Terapia-Cognitivo-Comportamental em grupos**: das evidências à prática. Porto Alegre: Artmed, 2017. Cap. 20.

SOUSA FILHO, O. A. *et al.* Hospitalização na óptica do acidentado de trânsito e de seu familiar-acompanhante. 2008. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 539-546, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000300018>.

SOUZA, T. S. *et al.* Psicologia hospitalar: criação do serviço, perfil de pacientes atendidos e atuação de estagiários em um hospital geral. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**, Patos de Minas, v. 9, p. 117-130, 2022. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistasaude/article/view/5097>.

INTERVENÇÃO PSICOEDUCATIVA JUNTO AOS ACOMPANHANTES
DA CLÍNICA MÉDICA DE UM HOSPITAL GERAL

SZARESKI, C. *et al.* O familiar acompanhante no cuidado ao adulto hospitalizado na visão da equipe de enfermagem. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p. 715-722, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000400015>.

VINOGRADOV, S.; YALOM, I. D. **Psicoterapia de grupo**: um manual prático. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 215 p.